

Denunciar problemas ou propor soluções? A temática da fome retratada no telejornal¹

Jemima BISPO²

Iluska COUTINHO³

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

O propósito deste artigo é analisar a primeira matéria da série sobre a fome, “Geografia da fome”, exibida no Jornal Nacional em junho de 2001, e a reportagem veiculada pelo Fantástico, em janeiro de 2023, sobre a mesma temática, à luz do conceito do Jornalismo de Soluções. Trata-se de uma prática em que o fio condutor da narrativa é o processo de resolução - ou tentativa - de um problema. Busca-se ainda relacionar as propostas da prática jornalística de soluções ao arcabouço teórico acerca dos valores-notícia e dos critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2004). Por meio da metodologia denominada Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2018), em diálogo com a breve fundamentação teórica, pretende-se responder ao seguinte problema de pesquisa: o cenário da fome, evidenciado nas reportagens em análise, é apresentado simplesmente enquanto denúncia ou propõe alguma tentativa ou busca por soluções?

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Jornalismo de Soluções; Desigualdades Sociais; Fantástico; Jornal Nacional.

MAIS DE DUAS DÉCADAS E UM MESMO CONTEXTO

Em 2001, uma série de reportagens veiculada no Jornal Nacional (Rede Globo) descortinou muito mais que a realidade da lavadeira Maria Rita, que morreu de fome 15 dias após a veiculação da matéria, sendo capaz de jogar luz em 36 milhões de brasileiros em situação de insegurança alimentar no Brasil. A série “Geografia da fome” foi mostrada

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Jornalista, mestre em Comunicação e Identidades, doutoranda e Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual com trabalhos focados em telejornalismo, direitos humanos e jornalismo de soluções. Vice-coordenadora do Intercom Júnior - Jornalismo (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação/Intercom). E-mail: jemimabispo@gmail.com

³ Jornalista, mestre em Comunicação e Cultura, doutora em Comunicação. Doutora em Comunicação, pós-doutora em Comunicação, Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora. Coordenadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA), bolsista de produtividade em pesquisar (PQ2). E-mail: iluska.coutinho@ufjf.br

entre os dias 18 e 22 de junho daquele mesmo ano e, posteriormente, recebeu diversos prêmios no âmbito jornalístico, com destaque para o Ayrton Senna de Jornalismo, o Barbosa Lima Sobrinho, o Imprensa Embratel, o Vladimir Herzog na categoria documentário e, ainda, a Medalha de Mérito da Organização das Nações Unidas (ONU). Produzidas pelo jornalista Marcelo Canellas e pelo cinegrafista Lúcio Alves, ainda hoje as reportagens destacam-se como referência em abordagens aprofundadas sobre as desigualdades sociais no país e se tornaram um marco no telejornalismo brasileiro, sendo exibidas em sala de aula como um documento fiel e emocionante sobre a fome no Brasil.

Mais de 20 anos se passaram e, em janeiro de 2023, Marcelo Canellas e Lúcio Alves retornaram aos mesmos locais em que estiveram na ocasião da produção da série; constataram que, após avanços e retrocessos nas políticas públicas voltadas para a erradicação da fome e da pobreza no Brasil, o cenário apresentava uma situação ainda mais urgente. A nova reportagem, dessa vez veiculada no Fantástico (Rede Globo), mostrou que o país voltou novamente ao mapa da fome, com mais de 116 milhões de brasileiros em situação de insegurança alimentar. A produção teve como ensejo a assinatura do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para a retomada do Consea (Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional), desativado no início da gestão anterior, em 2019. O objetivo do Consea é garantir a participação popular na formulação de políticas públicas. Envolve 24 ministérios e é composto, principalmente, por representantes da sociedade, que não recebem salários. Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), o Conselho foi fundamental, por exemplo, para tirar o Brasil do Mapa da Fome em 2014.

Dada a contextualização, a proposta do artigo é analisar a primeira matéria da série de reportagens, “Geografia da Fome”, e ainda a recente matéria exibida na revista semanal da Rede Globo, à luz do conceito do Jornalismo de Soluções. Trata-se de uma prática em que o fio condutor da narrativa é o processo de resolução - ou tentativa - de um problema. Segundo tal perspectiva, caberia ao jornalismo explicar ao público as causas das questões citadas, quais são as limitações da solução, detalhar o processo da implementação e de como funcionou ou não a ação, dizer quais foram os resultados, apresentar uma nova informação ou perspectiva e incluir pessoas, concentrando-se no processo de resolução (BORNSTEIN, 2007).

Neste artigo, busca-se ainda relacionar as propostas da prática jornalística de soluções ao arcabouço teórico acerca dos valores-notícia e dos critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2013). No Jornalismo de Soluções, a autoridade jornalística é canalizada para expor propostas ao público, e legitimada ao colocá-las na agenda jornalística. O mesmo aparato de práticas e normas jornalísticas que o jornalismo de referência usa para expor problemas é aqui aproveitado para cobrir soluções. Essas exigem, portanto, uma reinterpretação dos valores das notícias, mudando o foco dos problemas para as soluções. A prática sugere um valor-notícia da ação social como base para a noticiabilidade. Afastando-se dos quadros de conflito e da negatividade como critérios de noticiabilidade, o Jornalismo de Soluções trata as iniciativas para resolver problemas como um valor noticioso central que torna um assunto digno de notícia.

Em diálogo com a breve fundamentação teórica, a ser apresentada posteriormente, o problema de pesquisa é apresentado por meio do seguinte questionamento: o cenário da fome evidenciado nas reportagens em análise é retratado simplesmente enquanto denúncia ou propõe alguma tentativa ou busca por soluções?

DOS VALORES-NOTÍCIA AO JORNALISMO DE SOLUÇÕES: BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao longo do tempo, o estudo do jornalismo busca compreender a complexidade dos processos que envolvem a noticiabilidade. Destacamos, no presente trabalho, autores como Wolf (1999), Sousa (2004) e Traquina (2013) que enfatizam a existência de critérios utilizados para selecionar as notícias: desde características ou atributos presentes nos próprios fatos, que os potencializariam a candidatos a notícia – os chamados valores-notícia –, passando pelo julgamento dos jornalistas, relações com as fontes e a audiência, além de fatores éticos, políticos, econômicos e sociais. O processo de produção de notícia seria resultante desse emaranhado de fatores que envolvem a noticiabilidade e, por isso, torna-se um fenômeno complexo de se apreender.

Traquina (2013) introduziu a ideia de que o campo do jornalismo é influenciado por dois polos distintos: o polo ideológico e o polo econômico. Ambos desempenham papéis cruciais na determinação de quais eventos e histórias são selecionados para a cobertura jornalística, bem como os valores que são priorizados na apresentação dessas

notícias. A análise dessa dicotomia contribui para uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas subjacentes ao processo de produção de notícias.

No polo ideológico, a seleção de notícias é moldada pelas crenças, valores e perspectivas políticas da redação, jornalistas e proprietários dos veículos de comunicação. O teórico português descreve o polo ideológico como a percepção amplamente difundida entre os profissionais, segundo a qual “o jornalismo é visto como um serviço público em que as notícias são o alimento de que os cidadãos precisam para exercer seus direitos democráticos” (TRAQUINA, 2013, p.126).

Já no polo econômico, a seleção das notícias é moldada pelas considerações financeiras e comerciais das organizações de mídia, uma vez que dependem de receitas provenientes de anunciantes e assinantes para sustentar suas operações. Como resultado, histórias que têm potencial para atrair um grande público ou cativar a atenção dos anunciantes frequentemente recebem mais cobertura.

Wolf (1999) defende que a notícia se constrói a partir da junção dos critérios de noticiabilidade, que são formados pelos denominados valores-notícia. O autor utiliza os estudos Golding e Elliott (1979) para explicar as funções dos valores-notícia, sendo elas: selecionar o material disponível e servir como linhas-guia da apresentação do material. Portanto:

Os valores-notícia são a qualidade dos eventos ou da sua construção jornalística, cuja ausência ou presença relativa os indica para a inclusão num produto informativo. Quanto mais um acontecimento exibe essas qualidades, maiores são suas chances de ser incluídos (GOLDING e ELLIOTT, 1979, apud WOLF, 1999, p. 203).

Partindo da ideia de Wolf (1999) e Traquina (2005), os valores-notícia se diferenciam entre os de seleção e os de construção. De acordo com Wolf (1999), “os valores-notícia de seleção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos, isto é, na decisão de escolher um acontecimento como candidato à sua transformação em notícia e esquecer outro acontecimento.” (TRAQUINA, 2005, p. 75). Para ele, são como os óculos do jornalista. Eles também podem ser subdivididos em substantivos (avaliação direta do acontecimento em si) ou contextuais (relativo ao contexto de produção da notícia).

Entre os valores-notícia de seleção com critérios substantivos estão: a morte; a notoriedade; a proximidade; a relevância; a novidade (primeira ou última vez); o tempo; a notabilidade (possuir um aspecto manifesto); o inesperado; o conflito (físico ou simbólico, mas para o autor, o físico agrega mais noticiabilidade); a infração (violação); e o escândalo. Os valores-notícia de seleção com critérios contextuais agregam: a disponibilidade (facilidade de cobertura); o equilíbrio (quantidade de notícias sobre o assunto); a visualidade (quantidade de imagens); a concorrência (exclusividade do assunto); e o dia noticioso (relaciona-se aos outros acontecimentos importantes do dia).

Já os valores-notícia de construção “são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (TRANQUINA, 2005, p. 75). Eles indicam o que merece ser realçado e priorizado. São eles: a simplificação (reduzir a natureza do acontecimento); a amplificação (possibilidade de a notícia ser notada); a relevância (dar sentido junto ao leitor); a personalização (fornecer personagens ao acontecimento); a dramatização (destaque os aspectos mais críticos) e a consonância (junção da notícia com a narrativa).

Mesmo com o grande acervo de fundamentações teóricas sobre os critérios de noticiabilidade e valores-notícia, entendemos que eles não são fixos e imutáveis. Há uma alteração com o decorrer do tempo e conforme a linha editorial de cada veículo de comunicação. São frutos de contextos ideológicos e sofrem influência da cultura jornalística.

Esses conceitos revestem-se ainda mais de relevância quando buscamos refletir sobre quais critérios norteiam o processo de seleção de fatos que podem ter um alto impacto social, como, por exemplo, aqueles relacionados às dimensões das desigualdades sociais presentes no Brasil. Para o presente trabalho, esta proposição é basilar. Importa-nos ainda verificar se, nas reportagens analisadas, os mesmos aparatos de práticas e normas jornalísticas também são utilizados para cobrir soluções, o que exigiria, portanto, uma reinterpretação dos valores das notícias, mudando o foco dos problemas para as soluções.

A proposta de oferta jornalística com características resolutivas conta com o suporte da Rede de Jornalismo de Soluções, que define sua missão como a de apoiar e conectar jornalistas interessados em “reportagens rigorosas sobre respostas a problemas

sociais” que podem “fortalecer a democracia” e “melhorar a qualidade geral e o impacto do jornalismo” (REDE DE JORNALISMO DE SOLUÇÕES, 2022, online). A Rede foi fundada em 2013 pelos jornalistas David Bornstein e Tina Rosenberg e pela autora/jornalista Courtney Martin. Antes do lançamento da iniciativa, o trabalho dos três cofundadores envolvia o destaque de soluções para problemas sociais.

Incentivados pela crise, eles desenvolveram propostas para responder à apatia política, à queda na credibilidade jornalística e à perda crescente de assinantes, identificando no enviesamento pessimista uma causa fundamental para as dificuldades enfrentadas pelo setor: ao voltarem seus esforços apenas para os problemas, estavam produzindo uma percepção distorcida da realidade e, assim, fomentando uma sensação de impotência e de descrença nos cidadãos que os desestimulava a consumir as notícias. A opção que encamparam utiliza uma abordagem mais precisa em relação à realidade: um jornalismo focado na cobertura de soluções encontradas para os problemas sociais, cuja promessa é investigar e explicar, de forma crítica e lúcida, como as pessoas tentam resolver questões amplamente compartilhadas. Na prática, a ideia é contrapor a produção de notícias baseada, no que definiram, como “o que deu errado”, expandindo esse sentido, ou seja, a busca por respostas aos problemas apresentados também se mostra como dignas de notícia.

O jornalismo de soluções complementa e fortalece a cobertura dos problemas. Bem feitas, as histórias de soluções fornecem informações valiosas que ajudam as comunidades no difícil trabalho de lidar com problemas como falta de moradia ou mudança climática, preços de moradia em alta ou baixa participação eleitoral. Também sabemos por pesquisas que histórias de soluções podem mudar o tom do discurso público, tornando-o menos divisivo e mais construtivo. Ao revelar o que funcionou, essas histórias levaram a mudanças significativas (REDE DE JORNALISMO DE SOLUÇÕES, 2022, online).

Jornalistas que já atuam com a prática a compararam a reportagens investigativas que também relatam soluções existentes, o que pode ajudar a reconstruir a credibilidade perdida e aumentar o interesse do público pelas notícias (LOUGH e MCINTYRE, 2018). Eles descrevem as notícias orientadas para a solução como sofisticadas, baseadas em evidências, precisas e equilibradas, e identificaram objetivos como levar um problema

adiante, fornecer aos indivíduos informações sobre as quais eles podem agir e, em última análise, estimular mudanças sociais (MCINTYRE e LOUGH, 2019).

Em vez de envolver o público diretamente na conversa sobre soluções ou apresentar alternativas públicas, essa prática se distingue por sua ênfase nas ações de quem já está implementando soluções para desafios comuns. Ou seja, “é articulado uma nova marca de liderança pragmática a serviço do público, cujas ações, individuais ou coletivas, demonstrem caminhos eficazes, inovações e alternativas viáveis” (BILL, 2021, p. 41). A centralidade, segundo Beer (2010), reside na pergunta “quem está mostrando o caminho?” (2006, p. 121). Esse tipo de pergunta exige que os jornalistas investiguem um possível futuro alternativo, reportando experimentos locais e em pequena escala, ou mesmo de grandes feitos nacionais ou internacionais.

Contudo, essas práticas emergentes baseadas em soluções permanecem controversas. Enquanto os defensores as caracterizam como bom jornalismo, capaz de contar uma história mais aprofundada, muitos profissionais expressam reservas. Comunicando soluções, alguns argumentam: “embaça a distinção entre relatórios imparciais e advocacia política, obriga-os a tomar partido em conflitos políticos e encobrir problemas complexos para os quais não existem soluções simples” (HAAS, 2006, p. 248).

As críticas apontam, especialmente, para desvios do cerne do jornalismo, ou seja, seu compromisso normativo e temporal. “Enquanto as notícias, tradicionalmente, oferecem um relato de eventos imediatos, a abordagem de soluções pode exigir que os jornalistas cubram e até avancem questões hipotéticas e futuros utópicos” (DODD, 2021, p.22). Especulando sobre “o que pode ser solucionado e quem é mostrando o caminho” (BEERS, 2006, p. 121), o jornalismo perderia, portanto, o foco temporal no aqui e agora. Como apontado por Dodd (2021), devido a essas dúvidas, o projeto de normalização do Jornalismo de Soluções tem procedido de maneira normativa e empírica, a partir de uma concepção ainda minimalista.

Apesar das controvérsias, estudos examinando mudanças nos comportamentos e crenças dos indivíduos apontaram que, em comparação àqueles que leem uma versão sem solução de uma história, os leitores de histórias de soluções: (a) se sentem mais otimistas sobre o assunto (Curry e Hammonds, 2014; Curry, Stroud e McGregor, 2016; Gielan, Furl e Jackson, 2017; McIntyre, 2019; e McIntyre e Sobel, 2017); (b) sentem que eles e a sociedade são mais capazes de contribuir para soluções (Curry e Hammonds, 2014;

Curry, Stroud e McGregor, 2016; Gielan, Furl e Jackson, 2017; Wenzel, Gerson e Moreno, 2016) e têm maiores intenções de realizar ações positivas (Baden, McIntyre e Homberg, 2018); (c) sentem-se mais energizados e conectados à sua comunidade (Gielan, Furl e Jackson, 2017); e (d) têm maior desejo de buscar mais informações sobre o tema (Curry e Hammonds, 2014; McIntyre e Sobel, 2017; Wenzel, Gerson e Moreno, 2016).

Enquanto Curry e Hammonds (2014) descobriram que as histórias de soluções influenciaram as opiniões sobre um problema, nas pesquisas de McIntyre e Sobel (2017) os resultados mostraram que eles não têm impacto na opinião do leitor. Os resultados também demonstraram que, por meio das histórias de soluções, os leitores adquiriram mais conhecimento e ainda manifestaram intenções de doar valores em dinheiro para uma organização que trabalha para resolver um problema (Curry e Hammonds, 2014; McIntyre, 2019). Um dos poucos estudos a examinar as mudanças de nível médio descobriu que as histórias do Jornalismo de Soluções ajudaram a mudar o discurso público sobre uma questão social controversa (McGregor e Stroud, 2016).

Apesar dessa lacuna, trata-se de um consenso de que as reportagens produzidas sob essa orientação “olham para os esforços feitos para resolver os principais problemas sociais” (BORNSTEIN, 2007). Outro aspecto referente à prática merece destaque: ao se concentrar criticamente em respostas eficazes, a reportagem é ancorada no passado recente em vez do futuro utópico. Assim, para além de distribuir esperança, o Jornalismo de Soluções fornece “dados e experiências da vida real a partir dos quais é possível responder a injustiças e, coletivamente, escolher um caminho diferente” (BEERS 2006, p. 122).

PASSADO E PRESENTE SOB ANÁLISE: A TEMÁTICA DA FOME RETRATADA NOS TELEJORNAIS

Para a investigação, a Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016) foi a metodologia utilizada, por dar conta de abarcar a especificidade de cada elemento audiovisual, como texto, som, imagem, tempo, edição, entre outros efeitos típicos da experiência de consumo do telejornal. O método propõe a análise de produtos audiovisuais sem decomposições, por meio de um processo que inclui cinco etapas descritas por Coutinho (2018): “1) identificação do objeto audiovisual (e suas propostas);

2) emolduração e elaboração da ficha de análise; 3) pré-teste do instrumento; 4) pesquisa documental/definição e obtenção da amostra a ser investigada; 5) construção de parâmetros de interpretação dados e, em casos eventuais, de uma material codificação” (COUTINHO, 2018, p.192).

A partir do mapeamento preliminar dos conteúdos audiovisuais, acessados no repositório on-line da emissora, Globoplay, e na plataforma YouTube, a ficha de análise foi construída a partir dos seguintes eixos: 1) Quais são os problemas sociais apresentados?; 2) Quais as limitações para as propostas de solução?; 3) Há evidências de novas informações ou perspectivas?; 4) As reportagens fornecem informações capazes de ajudar as comunidades a lidarem com problemas relacionados à fome? e 5) Há mobilizações de atores ou políticas públicas que discutam a mitigação da fome a partir do conteúdo apresentado?

Com atenção ao primeiro eixo, na reportagem de junho de 2001, a proposta é apresentar quem são os brasileiros que se alimentam, quem são os que não têm o que comer e como os famintos podem ser ajudados. À época, no Brasil, a cada cinco minutos uma criança morria, a maioria de doenças relacionadas à fome. Eram cerca de 290 mortes por dia, que corresponderia, segundo dados do Unicef, a dois Boing 737 repletos de crianças mortas diariamente. Ampliando o escopo, a situação representava 36 milhões de brasileiros sem saber quando seria a próxima refeição. O conteúdo audiovisual desvela todas as mazelas ocasionadas pela fome: casas abandonadas no sertão da Bahia devido ao êxodo de famílias que procuravam a sobrevivência em outras localidades, pessoas que compartilham favas contadas no Vale do Jequitinhonha e comiam bafó de bode, como o caso da lavadeira Maria Rita – que morreu de parada cardiorrespiratória provocada por pneumonia e desnutrição -, jovens comovidos e envergonhados na periferia de Salvador quando perguntados sobre o que iriam almoçar.

Já na reportagem veiculada no Fantástico (Rede Globo) em janeiro de 2023, o cenário é apresentado a partir do questionamento: o que houve com o país que já havia saído do mapa da fome? Para explicar a insegurança alimentar grave no Brasil, a matéria exhibe um infográfico com dados que representam o aumento de pessoas nessa condição. Em 2004, eram 9,5% da população em situação de insegurança alimentar; em 2009, 6,6%; em 2013 – dez anos após a implantação do Bolsa Família, houve a saída do país do mapa da fome, com 4,2% da população vivendo com fome; já em 2018, no governo de Michel

Temer, os números subiram para 5,8%; até chegar ao último ano do mandato do então presidente Jair Bolsonaro, atingindo 15,5%, o equivalente a 33 milhões de brasileiros com fome. O infográfico considera ainda a insegurança leve e a moderada, alcançando um montante de 58,7% da população que convive com essa ameaça em algum grau, ou seja, cerca de 125 milhões de pessoas.

Portanto, o primeiro eixo de avaliação, que diz respeito à apresentação da temática, ambas as reportagens dos telejornais se encaixam no polo ideológico (Traquina, 2013), exercendo sua função de serviço público ao expor as desigualdades sociais que culminam no cenário de insegurança alimentar e de fome.

Já no segundo eixo, em que analisamos as limitações para as propostas de soluções, percebe-se que o tempo das matérias parece ser um dos fatores determinantes. A reportagem de 2001, do Jornal Nacional, possui seis minutos e seis segundos e não apresentou nenhuma proposta ou tentativa de solução ao longo da narrativa, embora tenha dado voz a diversas famílias ao redor do Brasil. A atual, por sua vez, conta com 18 minutos e 39 segundos. Mostra ainda um assentamento no interior de Alagoas, no município de Messias, em que a agricultora Maria produzia café, cacau, manga, coco, banana, tomate, entre outros alimentos para serem vendidos ao Governo Federal e repassados para a merenda escolar. Uma solução que beneficiava a comunidade do assentamento, o município, além das crianças nas escolas. A matéria denuncia a descontinuidade dessa iniciativa, ocorrida desde que o PAA (Programa Nacional de Aquisição de Alimentos), criado em 2003 no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi extinto em 2021, sob o mandato de Jair Bolsonaro. A partir do encerramento, houve o aumento do êxodo de dezenas de famílias para as favelas de Maceió.

O jornalista Marcelo Canellas, aborda um pedido de respostas ao então governo: “Em dezembro, pedimos ao governo Bolsonaro uma explicação para a diminuição dos programas sociais e o aumento dos números da fome, mas não tivemos resposta” (FANTÁSTICO, 2023, 12m13s). Logo, a reportagem atual demonstra uma atenção maior às propostas de resolução ou mitigação dos problemas sociais apresentados. Em tese, devido também ao formato do próprio programa, caracterizado como revista eletrônica televisiva.

Segundo Oliveira Sobrinho (2011), o Fantástico consegue realizar notícias que nenhum outro telejornal alcança, em parte pela forma de produção e tratamento da notícia,

em parte pelo forte apelo emocional dos textos. Para o autor, o programa considera de fundamental importância empregar a capacidade de emocionar da televisão para distribuir informação ao telespectador sem prejuízos jornalísticos.

Na análise, os eixos 3, sobre as evidências de novas informações ou perspectivas, e 4, relacionado ao fornecimento de informações capazes de ajudar as comunidades a lidarem com problemas relacionados à fome, não foram encontrados indícios que nos levassem a perceber essas iniciativas propositivas. Tais práticas são características marcantes do Jornalismo de Soluções, que busca debater em profundidade a solução, acompanhar a questão até ser resolvida ou mesmo apresentar quem já resolveu o problema existente em determinado contexto.

Por fim, analisa-se no eixo 5 a presença de atores ou políticas públicas que discutam o combate à fome a partir do conteúdo apresentado. Na primeira reportagem da série de 2001, o médico sanitarista e voluntário em campanhas contra a desnutrição, Flávio Valente, é o único ator social mostrado e ouvido. A ausência de outros atores na matéria reflete a evidente falta e descontinuidade de políticas públicas sobre o problema no país naquela época. Essa constatação foi revelada pelo próprio médico, em artigo publicado e intitulado: “Fome, desnutrição e cidadania: inclusão social e direitos humanos”:

No final de 2000, o governo federal cortou, do Orçamento de 2001, a verba para o Prodea [Programa de Distribuição Emergencial de Alimentos], acabando com a distribuição de cestas básicas. A justificativa oficial foi o caráter assistencial do programa, que não contribui, segundo o governo, para o combate à pobreza no país. Além disso, argumentou-se que a distribuição de cestas vindas de fora não ajuda a economia local do município, porque diminui as compras nos pequenos comércios. A proposta do governo federal, desativando o Prodea, era transferir gradativamente as famílias atualmente beneficiadas para outros programas sociais vinculados ou não ao Projeto Alvorada, com especial ênfase no Bolsa-Alimentação, recém-criado, e no Bolsa-Escola, a partir de 2001 (VALENTE, 2001, online).

O artigo faz uma análise crítica do debate atual no Brasil sobre os conceitos de fome e desnutrição e das suas implicações para o processo de elaboração de políticas públicas no país, concluindo sobre a necessidade de se pensar em alguns passos fundamentais para avançarmos na elaboração de uma Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, capaz de promover a efetivação do Direito Humano à

Alimentação. Um desses passos seria a identificação de indicadores que pudessem monitorar a evolução da situação alimentar e nutricional, como também demonstrado na reportagem da série.

Já na matéria exibida este ano, no Fantástico, são mostrados outros atores preocupados com as consequências da retomada do Brasil ao mapa da fome. Uma delas é a professora Rosana Salles Costa, relatora do inquérito nacional que detectou o aumento da insegurança alimentar grave. Ela explica que o problema saiu dos limites da periferia, passando a migrar para áreas características da classe média. Na matéria, o reflexo dessa constatação é apresentado por meio da exibição da recepção do Instituto de Pediatria do Complexo Hospital da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), repleto de crianças em quadro de desnutrição. No local, Patrícia Padilha, nutricionista da UFRJ, é a fonte ouvida para trazer outro ponto de vista em relação ao problema social. Ela mostra dados sobre o aumento da insegurança alimentar entre crianças de seis a 24 meses. A observação da profissional é corroborada por um novo infográfico que apresenta o levantamento do Observatório da Infância, da Fiocruz. Nele, é possível observar o aumento exponencial da taxa de internação motivada por desnutrição de bebês com menos de um ano. O pesquisador em Saúde Pública da Fiocruz, Cristiano Bocollini, esclarece que muitas crianças são hospitalizadas simplesmente para conseguirem o que comer. A fala é seguida por números que surpreendem: em 2021, foram oito internações de bebês por dia.

É importante ressaltar que, para a análise desse eixo, consideramos apenas a presença de atores sociais ou políticas públicas capazes de propor soluções para mitigar o problema da insegurança alimentar e da fome no país. Embora a avaliação tenha recaído sobre esse viés, destaca-se o esforço, em ambas as reportagens, de dar voz a quem vivenciava a dura situação. Nesse sentido, as histórias de diversas famílias ao redor do Brasil são protagonizadas. Algumas delas, mostradas em 2001, ainda são retomadas na reportagem especial do Fantástico.

É o caso da família de Ana Cláudia dos Santos, do povoado de Santa Úrsula, no sertão da Bahia, que relatou a fraqueza dos filhos e mostrou uma das bebês que seguia resistindo à fome. O esposo, Evangelista dos Santos, concorda com o repórter que a filha Marta precisa ganhar mais peso. Questionado por Canellas em relação ao que fazer para garantir o ganho de peso da filha, em tom de humildade e desespero, o lavrador responde:

“Mas, o que você acha que é ‘pra eu’ fazer?” (JORNAL NACIONAL, 2001, 04min5s). Após 21 anos, a mesma equipe de reportagem retorna ao povoado de Santa Úrsula, onde o irmão de Evangelista confirma sua morte, após migrar com a família para São Paulo. Com a morte do marido, a viúva Ana foi morar no interior do Piauí. Emocionada com a presença do jornalista, ela relembra a matéria anterior, a preocupação com a sobrevivência da família e a situação atual. A filha Marta foi tentar a vida em São Paulo e também foi ouvida pela equipe do Fantástico. A reportagem demonstra que as condições em que vivem Marta e a filha Manu são melhores do que aquelas vivenciadas pelos pais no sertão da Bahia, em 2001, embora as dificuldades ainda sejam evidentes.

REFLEXÕES FINAIS

Os resultados preliminares apontam que, entre o relato telejornalístico de 2001 e o registro posterior em vídeo realizado pelos mesmos profissionais 22 anos depois, há demanda por soluções cada vez mais urgentes, para a fome e também para o papel do jornalismo profissional em múltiplas telas.

Na busca por verificar se nas reportagens analisadas os mesmos aparatos de práticas e normas jornalísticas também seriam utilizados para cobrir soluções, o que exigiria, portanto, uma reinterpretação dos valores das notícias, mudando o foco dos problemas para as soluções, concluímos, preliminarmente que a prática do Jornalismo de Soluções nos telejornais poderia sugerir um valor-notícia da ação social como base para a noticiabilidade, embora isso não tenha sido evidenciado claramente na primeira matéria analisada, veiculada em 2001. Afastando-se dos quadros de conflito e da negatividade como critérios de noticiabilidade, o jornalismo de soluções trata as iniciativas para resolver problemas como um valor noticioso central que torna um assunto digno de notícia.

A relação entre os valores-notícia do jornalismo de referência e o Jornalismo de Soluções revela a natureza dinâmica e adaptável da prática jornalística. Enquanto os valores-notícia moldam a seleção e apresentação de informações, a abordagem de soluções oferece uma lente que permite uma análise mais holística das histórias, considerando não apenas os problemas, mas também as respostas construtivas para esses problemas. Integrar esses conceitos pode levar a uma abordagem mais equilibrada e

impactante na produção de notícias, promovendo uma compreensão mais completa das questões sociais e incentivando ações positivas.

Embora não seja evidente a prática focada em soluções nas matérias analisadas, observa-se a preocupação da equipe em mostrar um retrato fidedigno das circunstâncias em que viviam e ainda vivem os brasileiros em situação de insegurança alimentar, sobretudo mediante a ausência de políticas públicas de combate à fome. Depreende-se, a título de finalização desse recorte empírico, que não há como abordar temas tão sensíveis quanto à fome sem assumir o papel de denunciamento em um país tão desigual quanto o Brasil.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, I. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível**, 2016.

CURRY, A.; HAMMONDS, K. **O poder do jornalismo de soluções**. Projeto: Notícias envolventes, 2014. Disponível em: https://mediaengagement.org/wp-content/uploads/2014/06/ENP_SJN-report.pdf. Acesso: 10/jun/2022.

_____; STROUD, N. J. **Escrevendo Manchetes de Soluções**. Projeto: Notícias envolventes, 2016. Disponível em: <https://mediaengagement.org/wp-content/uploads/2016/06/Engaging-News-Project-Writing-Solutions-Headlines.pdf>. Acesso: 10/jun/2022.

DODD, B. **Jornalismo de soluções: notícias na intersecção de esperança, liderança e expertise**. Lanham: Lexington Books, 2021.

HAAS, T. **The Practice of Public Journalism Worldwide: A Comprehensive Overview**. International Journal of Communication. 16.1-2: 5-20. (Books and Publications: Peer Reviewed Article), 2006.

LOUGH, K.; MCINTYRE, K. **Percepções dos jornalistas sobre o jornalismo de soluções e seu lugar no campo**. Revista de Pesquisa do Simpósio Internacional de Jornalismo Online. 2018. Disponível em: <http://isoj.org/research/journalists-perceptions-of-solutions-journalism-and-its-place-inthefield/>. Acesso: 10/jun/2022.

MCGREGOR, S. C.; STROUD, N. J. **Como uma comunidade respondeu ao jornalismo de soluções**. Disponível em: <https://mediaengagement.org/research/how-one-community-responded-to-solutions-journalism>. Acesso: 02/jun/2022.

MCINTYRE, K.; SOBEL, M. 2017. **Motivar o público de notícias: chocar ou fornecer a eles soluções?**. Comunicação e Sociedade30 (1): 39–56. Rede de Jornalismo de

Soluções. 2017. Relatório Anual 2016. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/handle/10171/43917>. Acesso: 11/jun/2022.

MCINTYRE, Karen. **Jornalismo de Soluções**. Prática de Jornalismo, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17512786.2017.1409647>. Acesso 10/jun/2021.

OLIVEIRA SOBRINHO, J. B. de. **O livro do Boni**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra Ed., 2011.

REDE DE JORNALISMO DE SOLUÇÕES. **“Impostadores do Jornalismo de Soluções”**. Disponível em: <https://thewholestory.solutionsjournalism.org/solutions-journalism-imposters-c4cf72a9354b>. Rede de Jornalismo de Soluções. s.da, 2016. “Kit de Ferramentas de Engajamento”. Disponível em: <https://learninglab.solutionsjournalism.org/en/courses/engagement-toolkit> Acesso: 15/jun/2022.

SILVA, M. P. **Perspectivas históricas da análise da noticiabilidade**. In: SILVA, G., SILVA, M.P., FERNANDES, M.L. Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular; 2014.

SOUSA, J.P. **Tobias Peucer: progenitor da teoria do jornalismo**. Estudos de Jornalismo e Mídia, 2004.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular; 2013.

VALENTE, F. **Fome, desnutrição e cidadania: inclusão social e direitos humanos**, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/GXfv6d4vzZxvwTRrh8pFyzD/?format=pdf&lang=pt> , acesso em 10 de agosto de 2023.

WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.